O mundo como ordem e reflexão

26 de Janeiro de 2010 - por **Bruno Garschagen**

Tags: Eric Voegelin filosofia

"Não se pode ser um acadêmico qualificado nos campos das ciências sociais e políticas sem conhecer profundamente o assunto". A afirmação é óbvia? Quantos estão dispostos a trabalhar arduamente para "adquirir o conhecimento comparado das civilizações — não apenas da civilização moderna, mas também da medieval e da antiga, e não apenas do Ocidente, mas também do Oriente Próximo e do Extremo Oriente — e, em contacto com as diversas especializações científicas, manter atualizado esse conhecimento"?

As duas frases reproduzidas no parágrafo anterior são uma síntese de como o filósofo alemão Eric Voegelin respeitava o que fazia. A exata dimensão só pode ser avaliada por quem leu (ou pretenda ler) suas obras, mas há uma valiosa introdução: *Reflexões autobiográficas* é um livro estimulante no qual podemos conhecer o intelectual que:

a) para desenvolver uma teoria política que servisse à análise das ideologias foi investigar as filosofias clássica e cristã;

b) para elaborar uma história das ideias descobriu a necessidade de não limitar seu início na filosofia grega clássica, mas de voltar aos impérios do Antigo Oriente Próximo;

c) para construir uma teoria baseada em conceitos próprios de ordem e história (e suas relações) desenvolveu estudos sobre o cristianismo primitivo, a forma mito-especulativa da historiogênese, a transição da especulação historiogênia à historiográfica, o problema da ecúmena em Heródoto, Políbio e historiadores chineses e problemas teóricos modernos, como a feitiçaria na construção do sistema hegeliano;

d) para se tornar um cientista político competente, o que presumia a leitura dos clássicos Platão e Aristóteles, aprendeu grego ("não é possível lidar com fontes sem ser capaz de lê-las no original");

e) para ter acesso a documentos políticos importantes para alguns estudos (depois abandonados) aprendeu russo com os filólogos Konstantin Moculski e G. Lozinski;

f) para ministrar um curso sobre instituições políticas chinesas, estudou o idioma com o propósito de investigar o histórico e os símbolos clássicos e assim entender as ideias políticas contemporâneas (1945-1950) daquele país.

Os tópicos permitem já uma reflexão sobre um tipo de estudioso: o acadêmico-professor que se converte num *scholar*. A história pessoal dos grandes intelectuais é um estímulo ao avanço ou à paralisia. "A maldição move, a bênção relaxa". A frase do poeta William Blake poderia ser o posfácio do livro.

Reflexões autobiográficas (Editora É Realizações, São Paulo, 2008. 192 pp.) é um esforço de anamnesis concentrado mais na abertura ao conhecimento do que na tentativa de edulcorar a história pessoal ou mitificar a própria biografia. "Este livro oferece a melhor introdução possível à vida e ao pensamento deste que foi um notável *scholar* e talvez o melhor filósofo do nosso tempo", diz um empolgado Ellis Sandoz, que editou as memórias de Voegelin colhidas em 1973 como fonte primária de um estudo convertido no livro *The Voegelian Revolution: A Biographical Introduction* ["A Revolução Voegeliana: uma introdução biográfica"]. O depoimento é a consagração de uma vida. É a articulação sistematizada da busca do conhecimento embrulhada pela memória.

Há alguns aspectos que me impressionaram particularmente no filósofo, nascido em Colônia em 1901 e falecido em Stanford, Estados Unidos, em 1985. Primeiro, a disposição missionária para educar e formar uma elite intelectual. Tanto nos Estados Unidos — para onde fugiu em 1938 logo após o *Anschluss* [Conexão] e onde mais tarde se naturalizou — quanto na Alemanha, para onde retornou em 1958, foi um vibrante professor e criador de institutos de estudos que reuniam estudantes talentosos e interessados.

A segunda característica marcante é a honestidade intelectual, que o fizera modificar várias vezes trabalhos em andamento diante do surgimento de novas fontes bibliográficas (como em *Order and history* [Ordem e história]) e o abandono completo de *The history of political ideas* A história das ideias políticas], que já tinha quatro mil páginas escritas, por identificar que as ideias eram um desenvolvimento conceitual secundário e responsáveis por deformar a verdade da experiência e sua simbolização.

Terceira: a curiosidade e o amor pelo conhecimento, que Voegelin convertia em ferramentas de estímulo para impedir que sua investigação se limitasse a instrumentos teóricos específicos de cada ramo do saber humano. Para desenvolver ideias políticas, recorria à história, à filosofia, astrologia, alquimia, simbolismo gnóstico do Renascimento, aos achados arqueológicos (Manuscritos do Mar Morto, papiros de Nag Hammadi), às descobertas antropológicas (sobre o Paleolítico e civilizações independentes do Neolítico).

Um problema que se impõe a um autor intelectualmente insaciável e rigoroso é manter seus estudos numa constante evolução, ou num processo constante de revisão. Nas memórias, Voegelin faz reparos à própria interpretação e tratamento inadequado de alguns fenômenos (movimentos espirituais, teorias medievais, certos simbolismos nacional-socialistas) estudados no livro *As religiões políticas*. O filósofo questionou, inclusive, o uso do termo religião, que considerou muito vago porque "deformava o problema real da experiência, misturando-o com outro, que é o da doutrina ou do dogma".

Resgatar Voegelin, autor dos também excelentes *A nova ciência da política* e *Hitler e os Alemães* (ambos com traduções brasileiras), é também resgatar uma conversação livre da degeneração da linguagem ideológica difundida com eficácia pelos próceres de ideologias revolucionárias.

ShareThis

Bruno Garschagen é Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Católica Portuguesa - Universidade de Oxford e Gerente de Relações Institucionais de OrdemLivre.org.

Textos relacionados

ARTIGOS
- **Por uma Itália competitiva**
  04.03.2008 • por Alberto Mingardi e Carlo Stagnaro

ARTIGOS
- **Derrota para a CPMF, vitória para o Brasil?**
  04.03.2008 • por Elisa Lucena Martins

ARTIGOS
- **O que a África precisa é de Liberdade**
  17.12.2007 • por Franklin Cudjoe

ARTIGOS
- **A superioridade moral do mercado**
  04.04.2011 • por Tom Palmer

ARTIGOS
- **A fria verdade sobre a Groenlândia**
  06.01.2008 • por Patrick J. Michaels

Últimas atualizações

ARTIGOS
- **A falibilidade humana**
  25.04.2011 • por Rodrigo Constantino
  tags: tolerância liberalismo falha

ARTIGOS
- **Em defesa de Karl Marx**
  22.04.2011 • por Bruno Garschagen
  tags: marxismo Karl Marx esquerda educação liberalismo

ARTIGOS
- **Nem tudo é um mercado**
  20.04.2011 • por Steven Horwitz
  tags: mercado altruísmo liberalismo egoísmo

ARTIGOS
- **40 coisas que aprendi nos meus primeiros 40 anos**
  20.04.2011 • por Bryan Caplan
  tags: princípios oferta liberalismo economia demanda

ARTIGOS
- **Empresários funcionários públicos**
  18.04.2011 • por Renato Lima
  tags: Funcionalismo Público empreendedorismo